

A Batalha de Tuiuti

*Aureliano Pinto de Moura**

Resumo: Texto da palestra proferida em 26 de novembro de 2002, no auditório do IGHMB, relata em detalhe a maior batalha campal travada na América do Sul.

Palavras-chave: Guerra da Tríplice Aliança, Osório, Solano López.

OS ANTECEDENTES

O Exército aliado iniciou transposição do Rio Paraná às 2 horas da manhã do dia 16 de abril de 1866, sob o comando de Osório. As embarcações desceram até a confluência do Rio Paraguai, desembarcando em sua margem esquerda, nos fundos do potrero de Itapiru.

Ao desembarque houve alguma resistência paraguaia, mas, graças ao fogo da artilharia naval brasileira, o inimigo retraiu para Itapiru.

No dia 18, pela manhã, as tropas aliadas avançaram até Itapiru que, no dia anterior, havia sido abandonada pelos paraguaios. Após pequena resistência de remanescentes paraguaios, Itapiru foi ocupa-

da pelos brasileiros. O inimigo retraiu para Passo da Pátria.

No dia seguinte, a esquadra brasileira bombardeou Passo da Pátria, então quartel-general de Solano López. No local, 45 mil paraguaios esperavam as suas ordens. Solano López, então, ordenou o retraimento para uma nova linha defensiva, em Estero Bellaco. Passo da Pátria foi incendiada pelos paraguaios.

A SURPRESA DE ESTERO BELLACO

Em 2 de maio, os paraguaios ocupavam posição em Estero Bellaco, procurando surpreender a vanguarda comandada por Venâncio Flores.

A vanguarda aliada, disposta na margem sul do Estero Bellaco, era constituída por 3.500 uruguaios, reforçada por infantaria,

* General-de-Divisão Médico. Sócio titular do IGHMB.

cavalaria e artilharia brasileiras. Venâncio Flores, por segurança, realizou um reconhecimento sem nada encontrar de anormal.

Próximo ao meio-dia, a tropa aliada sofreu um inesperado ataque inimigo que a obrigou a abandonar a posição, retraindo até onde se encontrava o grosso do seu exército.

O combate cresceu, levando à intervenção da 6ª Divisão, comandada pelo General Vitorino, para fazer frente aos reforços paraguaios que chegavam.

Graças à intervenção de Osório, após três horas de combate a tropa aliada obrigou os paraguaios a retraírem para suas antigas posições.

Na perseguição ao inimigo, as tropas brasileiras depararam com um extenso campo, não muito longe da Lagoa Tuiuti, onde a artilharia paraguaia desdobrava-se em uma elevação de três quilômetros de largura. Era a chamada Linha Roja. Analisando os acontecimentos, logo os aliados perceberam que a retirada paraguaia obedecia a um plano estratégico.

Os aliados ainda não haviam conseguido carrear todos os seus meios para Passo da Pátria. Faltava alimento, o transporte era deficiente, a cavalaria e os muires definhavam.

Em Estero Bellaco não foi mantido o contato com o inimigo. O terreno era muito difícil para as ações da cavalaria e a tropa estava desgastada, o que levou Osório a mandar desmontar parte da cavalaria em benefício do restante da tropa.

Somente no dia 20 de maio a tropa aliada cerrou à frente, até Tuiuti.

O PROSSEGUIMENTO

Ao amanhecer do dia 20 de maio, o Exército aliado iniciou o seu deslocamento para o norte, seguindo a estrada que levava a Humaitá. Procurou passar o Estero Bellaco, enquanto a esquadra brasileira penetrava pelo Rio Paraguai, conforme o planejado.

A vanguarda de Venâncio Flores foi constituída por dois batalhões de infantaria orientais, o Regimento San Martin e a 6ª Divisão de Infantaria brasileira, mais artilharia.

Diante do perigo iminente, Venâncio Flores posicionou uma bateria de artilharia brasileira ao sul de Passo Sidra, visando apoiar a passagem da tropa, e ordenou o ataque à posição inimiga. A resistência paraguaia foi pequena, permitindo o avanço aliado.

No mesmo dia em que os aliados chegaram em Tuiuti, Solano López transferiu-se para Passo Pucú, a seis quilômetros, ao norte da linha do Sauce, onde permaneceu por dois anos.

Nos passos, os paraguaios mantinham-se em posição, procurando oferecer uma resistência aos aliados e, em seguida, retraírem, mediante ordem.

Precedido de um violento bombardeio de artilharia, o Exército aliado prosseguiu em direção ao inimigo até fazer o contato e entrar em combate. O esforço principal foi realizado no Passo Sidra, onde pareceu ser mais frágil a defesa, o que favorecia o flanco. Enquanto isso, a cavalaria argentina, sob o comando do General Hornos, atravessou o estero em Passo Carretas, com exceção do Regimento San Martin.

A defesa paraguaia procurou deter o avanço aliado, enquanto possível. Logo foi

levada a retrair para o norte do Passo Rojas. "As peças de artilharia foram retiradas ao galope."

Ao chegar em Tuiuti, a tropa aliada acampou. O terreno da região não era favorável para uma ação ofensiva e as tropas de Solano López barravam o caminho para Humaitá com uma linha de trincheiras, ao norte do Estero Rojas. O desconhecimento da região deixou o Exército aliado em uma situação difícil. As trincheiras paraguaias do Sauce tinham cerca de 1.600 metros e estavam fortemente organizadas.

O acampamento aliado ficou sobre um terreno arenoso entre o Estero Bellaco (ao sul) e o Rojas (ao norte), e ao sul da Lagoa Tuiuti. A oeste havia a mata do Sauce e a leste um terreno coberto por um coqueiral de iataís. À frente da posição, após um campo de 900 a 1.600 metros, um mato denso, linear, no sentido leste-oeste.

Em posição central no acampamento aliado, havia uma elevação de pequenas colinas, paralela à linha de defesa, local onde o General Osório instalou o seu quartel-general.

Em 20 de maio, todo o Exército aliado estava em Tuiuti, enquanto Solano López encontrava-se em Passo Pucú, bem distante.

Após desdobrar-se, o Exército aliado recebeu ordem para, aproveitando o terreno, adotar uma posição defensiva, escalonada, em linhas sucessivas, devendo abandonar Passo da Pátria. Neste espaço de tempo, Solano López aproveitou para fortificar o terreno e barrar as sendas de penetração, ignoradas pelos aliados.

Em 21 de maio, pela primeira vez, os dois exércitos encontravam-se frente a frente, permitindo a observação direta do campo adversário.

A direita paraguaia apoiava-se em um bosque denso que se prolongava até encontrar o carriçal do Potrero Sauce. Este possuía apenas uma abertura estreita, aberta para o Boqueirão do Sauce, em frente ao acampamento aliado, defendido por uma pequena trincheira artilhada.

Neste mesmo dia, 21 de maio, foram construídas pequenas trincheiras. Algumas com 1,80m de profundidade. "Os aliados, para atacar de frente os paraguaios, deviam atravessar dois passos igualmente profundos e ficarem expostos durante toda a passagem a um fogo tremendo." (G. Thompson) Para Centurión, a posição paraguaia "(...) era bastante respeitável, tanto assim que não era acessível a nenhum movimento envolvente por nenhum lado." Ali estavam 25 mil paraguaios, mais outros 10 mil acampados em Humaitá, prontos para intervir.

Solano López achava-se em seu quartel-general em Passo Pucú, "(...) em uma elevação situada do outro lado do passo de um estero, onde cruzava o caminho para Humaitá, e a 5km da linha do Sauce. Ocupou uma casa coberta de palha rodeada por um laranjal de formato quadrado" (E. Cardozo). Próximo, foram construídas outras destinadas a sua família e ao seu estado-maior. Uma linha telegráfica foi construída ligando o quartel-general a Humaitá e a Assunção, bem como aos principais comandantes.

O Exército aliado (45 mil homens) desdobrado em Tuiuti, às vistas das posições

paraguaias, formava "(...) uma espécie de ângulo esférico: seu vértice, dirigido até a principal posição paraguaia, era ocupado pelas tropas orientais e brasileiras, da vanguarda, tendo como núcleo central um grupamento de 24 peças raiadas. Na ala direita colocaram-se as forças argentinas, em duas linhas, cobertas em sua ala exterior pela cavalaria. Sobre a ala esquerda, em quatro escalões próximo à retaguarda, situaram-se as tropas brasileiras. (E. Cardozo)

Em 22 de maio, os aliados avançaram para o norte, realizando um reconhecimento às posições paraguaias. Em consequência, decidiram que deveriam aproximar-se ainda mais da linha inimiga. Era preciso conhecer melhor as fortificações e a posição inimiga.

Na manhã do dia seguinte, Venâncio Flores realizou reconhecimento no flanco direito paraguaio. A tarde, um novo reconhecimento foi realizado, dando a perceber que a posição paraguaia estava muito bem organizada. Ficou decidido, então, um reconhecimento em força no dia 24 de maio.

FORÇAS EM PRESENÇA

Reunido o Conselho de Guerra aliado, resolveu-se atacar em 25 de maio. Tentariam uma penetração para romper as linhas inimigas. Daí a necessidade de um novo reconhecimento no dia 24.

Em 22 de maio, porém, Solano López já havia decidido mudar o seu plano de operações. Passaria à ofensiva, empregando o grosso da sua tropa de cavalaria e infantaria. Realizaria um ataque frontal ao centro do acampamento aliado, em Tuiuti,

e um duplo envolvimento. Buscava a batalha decisiva.

O seu plano anterior consistia em esperar os aliados em sua posição, em Estero Rojas, e atacá-los pela retaguarda. No seu entender, seus soldados só iriam ser notados quando já estivessem na retaguarda aliada.

A razão da mudança, segundo George Thompson, foi saber que Bartolomeu Mitre atacaria no dia 25 de maio. Logo, deveria antecipar-se tomando a iniciativa do combate antes que os aliados concluíssem a fortificação da posição, antes que o 2º Corpo de Exército brasileiro (General Porto Alegre) transpusesse o Rio Paraná e antes que a esquadra brasileira passasse Humaitá.

Solano López contava, naquele momento, com cerca de 34 mil homens. Destes, apenas 25 mil chegaram a participar do combate. (E. Cardozo)

A sua linha de defesa era encoberta por matas que iam até Potrero Piris. Por detrás dessas matas, na noite de 23 para 24 de maio, Solano López organizou suas forças em três colunas:

- A 1ª Coluna (General Barrios), com 7.000 infantes e 1.200 cavalarianos, constituía a ala direita;
- A 2ª Coluna (Coronel José Díaz), com 3.700 infantes e 1.200 cavalarianos, auxiliado pelo Major Hilário Marcó, com 3.000 infantes e 1.200 cavalarianos, posicionou-se ao centro; e
- A 3ª Coluna (General Resquin) constituiu a ala esquerda, com 1.500 infantes e 4.800 cavalarianos.

Eram cerca de 25 mil homens, número inferior aos 32 mil homens dos aliados. Em reserva, cerca de 7 mil homens (Coronel Bugrez), que nunca chegaram a ser empregados.

Comandava a tropa aliada o General Bartolomeu Mitre, tendo o General Manuel Luís Osório no comando brasileiro.

As tropas brasileiras estavam constituídas por quatro divisões de infantaria (Argolo, Sampaio, Guilherme e Vitorino), duas divisões de cavalaria (J. L. Mena Barreto e Tristão Pinto), a brigada do General Neto e duas brigadas de artilharia (Gurjão e Gomes Freitas), que contavam com trinta canhões *La Hitte*.

As tropas argentinas eram constituídas por dois corpos (Paunero e Emílio Mitre), a quatro divisões de infantaria, um regimento de cavalaria e uma brigada de artilharia, contando com um total de 37 canhões. Na vanguarda, duas brigadas de cavalaria, sob o comando do General Hornos. Eram ao todo 9.600 homens.

Os orientais, do General Venâncio Flores, eram 1.360 homens.

As tropas aliadas tinham um efetivo de aproximadamente 32 mil homens e cerca de 150 canhões.

O DESDOBRAMENTO

Os aliados

O Exército aliado desdobrou-se no terreno em três escalões, deixando desguarnecido o Potrero Piris, apesar dos protestos do General Argolo. À esquerda os brasileiros e à direita os argentinos.

No 1º Escalão

A 3ª Divisão de Infantaria (Sampaio), com cinco batalhões de infantaria e três de voluntários; a 6ª Divisão de Infantaria (Vitorino), com três batalhões de infantaria e oito de voluntários; e 1ª e 3ª Batalhões de Artilharia a Pé.

O 1º Corpo argentino (Paunero), com quatro divisões e um piquete de cavalaria provincial. A 2ª Brigada de Cavalaria (Hornos) constituía a vanguarda argentina.

O Escalão contou, ainda, com o 1º Regimento de Artilharia a Cavalo (Mallet), dois regimentos de cavalaria, em reserva, e uma pequena tropa uruguaia.

No 2º Escalão:

Mais ao sul, estavam os 1º e o 3º Batalhão de Artilharia a Pé; a 1ª Divisão (Argolo), com três batalhões de infantaria e seis de voluntários; a 4ª Divisão (Guilherme), com três batalhões de infantaria e cinco de voluntários; e mais a 19ª Brigada Auxiliar, menos o 1º Batalhão de Engenheiros.

O 2º Corpo argentino (Emílio Mitre), com quatro divisões; o 2º Regimento de Artilharia; três regimentos de cavalaria e mais a Legião Paraguaia, em reserva;

No 3º Escalão:

As 2ª e 5ª Divisões de Cavalaria (Mena Barreto e Tristão Pinto), e os 7º e 24º de Voluntários;

Ao sul do Estero Bellaco, a Brigada Leveira (Neto), com quatro corpos de cavalaria de Voluntários, fazia a proteção dos trens.

À frente do 1º Escalão, desdobrava-se à vanguarda aliada (Venâncio Flores). À sua direita, batalhões de infantaria brasileiros,

da 12ª Brigada; dois batalhões de infantaria uruguaios; e mais o 1º Regimento de Artilharia a Cavalos (Mallet). À esquerda de Mallet, a artilharia uruguaia, protegida pela infantaria oriental.

Ao entrar em posição, o Tenente-Coronel Mallet, "(...) recomendou que, a partir daquela noite, se abrisse em toda a frente um largo e profundo fosso, o que se faria em silêncio e sem estrépito". As terras seriam espalhadas de tal forma que não formassem parapeitos (T. Fragoso). O 1º Batalhão de Engenheiros, na mesma noite, iniciou a abertura das trincheiras, que no dia seguinte estavam concluídas.

Os canhões entraram em posição a uma distância de 900 a 1.600 metros da linha paraguaia do Estero Rojas. Os animais foram levados para o Passo da Pátria. Todos os canhões eram raiados.

O desdobramento aliado formou uma linha constituída pela vanguarda, o grosso das forças brasileiras e a tropa argentina, à direita. Formou um ângulo quase reto, frente às posições paraguaias.

O posto de comando do General Osório, em uma pequena elevação, permitia uma visão geral do terreno à sua frente, assim como das tropas à sua retaguarda.

O Exército aliado estava em atividade de faxina, na manhã do dia 24 de maio, um tanto despreocupado. Carneavam o gado e pastoreavam os cavalos, sob a proteção de dois batalhões de infantaria, no Potrero Piris. A munição ainda vinha sendo trazida de Estero Bellaco. Ao meio dia estava previsto o "pega cavalo". Nesta manhã chegou a notícia de que o Osório recebera o título de Barão de Herval.

A região estava em silêncio e o sol brilhava. Não havia sinais do inimigo e o General Emílio Mitre já estava montado, preparando-se para mais um reconhecimento. A soldadesca limpava o seu armamento.

OS PARAGUAIOS

No dia 22 de maio, Solano López decidiu-se por um ataque de aniquilamento na manhã de 24 de maio. Empregaria somente a cavalaria e a infantaria. Para alguns, esta mudança de planos teria sido sugerida pelo Coronel Wisner de Mongerstein; para outros, ao contrário, este oficial teria aconselhado Solano López a não atacar em inferioridade numérica de efetivos.

Na véspera do ataque, Solano López percorreu as linhas paraguaias e dirigiu-se à tropa procurando dar coragem e determinação aos seus comandados. À noite, em Passo Pucú, Solano López reuniu os seus comandantes e os instruiu, com o objetivo e a determinação de destruir o Exército aliado.

Decidido a atacar no dia 24, Solano López organizou as suas forças estacionadas em Passo Pucú em três colunas. Atacariam simultaneamente pelo centro, pelos flancos e também pela retaguarda.

A 1ª Coluna (ala direita), comandada pelo General Barrios, contava com dez batalhões de infantaria, dois regimentos de cavalaria (8.700 homens) e quatro obuses. Deveria progredir pelo Sauce até o Potrero Piris e atacar o flanco esquerdo aliado, caindo sobre a sua retaguarda.

A 2ª Coluna (centro), do Coronel José Díaz, contava com cinco batalhões de in-

fantaria e dois regimentos de cavalaria (4.950 homens), mais as tropas de Hilário Marcó, com quatro batalhões de infantaria e dois regimentos de cavalaria (4.200 homens). A coluna deveria realizar um ataque frontal ao grosso aliado.

A 3ª Coluna (ala esquerda), comandada pelo General Resquin, contava com oito regimentos de cavalaria e dois batalhões de infantaria (5.300), devendo realizar o esforço principal. Tinha como objetivo a tropa argentina, no flanco direito aliado. Resquin reuniu as suas tropas em Yataity Corá e, na hora assinalada, deveria realizar um movimento envolvente, até encontrar-se com as tropas do General Barrios, na retaguarda aliada.

O ataque foi marcado para as 9 horas da manhã do dia 24, procurando surpreender os aliados. Deveriam agir com rapidez e agressividade, tão logo fossem lançados os foguetes previstos pelo General Barrios. Seria o sinal de que tudo estava pronto para o desembocar do ataque, que seria desencadeado após um disparo de canhão disparado pela artilharia de Bugrez.

Solano López permaneceu na retaguarda durante todo o combate, em uma posição central, afastado da linha de frente, com uma escolta do Regimento Acá Carayá e outra de infantaria leve, para observar o desembocar do ataque do seu posto de observação. Teoricamente, foi o comandante das operações.

A BATALHA

Às 11h55min, Barrios ordenou o disparo de um foguete à Congrève. Era o sinal

previsto de que estava pronto para o ataque. Não foi possível, para Barrios, cumprir o horário pré-determinado por Solano López (9h30min). As dificuldades enfrentadas para transpor o estero e vencer a mata foram o motivo do retardo para o sinal combinado. Os seus soldados foram obrigados a marchar em fila indiana, enfrentando os estreitos caminhos e os esteros.

Como resposta ao foguete, troou o canhão de Bugrez sinalizando o início do ataque. Ouvido o disparo no campo aliado, o corneteiro do quartel-general foi mandado tocar "sentido" e "chamada ligeira". "Todos correm aos seus postos" (General Cunha Matos). Instantes após o disparo do canhão de Bugrez, da vegetação em frente ao flanco direito paraguaio começaram a surgir os primeiros homens do Coronel José Díaz.

O Major Hilário Marcó, com seus batalhões a baioneta e os regimentos de cavalaria de sabre na mão, sem disparar um só tiro, precipitou-se sobre a vanguarda aliada. Os paraguaios levaram de vencida os piquetes da cavalaria uruguaia, que nem sequer conseguiram entrar em forma. O mesmo ocorreu com o Batalhão Independência e o Libertad. O 41º Batalhão de Voluntários, não conseguindo deter o inimigo, retraiu sobre a artilharia uruguaia. A cavalaria paraguaia chegou até a boca dos canhões "(...) procurando apagar o seu fogo a machadadas (...)" mas a infantaria brasileira veio em socorro e obrigou-os a retrair.

Rearticulando-se, a cavalaria de Marcó voltou ao ataque. Em determinado momento, foi levada a mudar de direção, dando uma guinada para a esquerda. Ao se aproximar das posições do 1º Regimento de

Artilharia a Cavalo, foi destroçada pelo fogo. "Foi um alívio (...) estávamos preparados para repelir o assalto", disse o General Cunha Matos.

As primeiras cargas desencadeadas pelas tropas de Marcó terminaram no fosso intransponível mandado cavar por Mallet. O mesmo ocorreu com as cargas subsequentes. "Por aqui não entram", bradou Mallet com toda ênfase. O que restou dos esquadrões paraguaios escoou em direção a Yataity Corá.

Antes de atacar o flanco esquerdo aliado, o Coronel José Díaz foi obrigado a cruzar um extenso estero, sob forte fogo aliado. Ultrapassado o obstáculo, reorganizou as suas tropas e desencadeou o ataque. Conseguiu fazer a vanguarda aliada retrair e prosseguiu avançando, procurando contornar e romper as linhas aliadas. Do matagal, continuavam surgindo mais e mais soldados paraguaios.

Atento ao perigo, Osório lançou a 3ª Divisão de Infantaria. Esta contra-atacou, procurando barrar o avanço paraguaio. À testa seguia a 7ª Brigada, reforçada pelo 4º Batalhão de Voluntários. Ao mesmo tempo, foi ordenado aos 4º e 6º Batalhões de Infantaria defender a artilharia uruguaia, ameaçada. Foi durante este ataque da 3ª Divisão de Infantaria que tombou, mortalmente ferido, o Coronel Antônio Sampaio. Com a sua morte, assumiu o comando da Divisão o Coronel Jacinto Machado Bittencourt, então comandante da 7ª Brigada de Infantaria.

A grave situação no flanco esquerdo aliado chamou a atenção do General Osório. No mesmo instante, ordenou à 10ª Brigada, com cinco batalhões de voluntários,

mais o 13º Batalhão de Infantaria, contra-atacar para impedir a penetração inimiga no interior da posição. Atrás da 7ª Brigada, Osório ordenou que a 11ª Brigada, do General Guilherme, atacasse uma coluna paraguaia que surgiu do interior da mata. Essa brigada, mais a tropa uruguaia ali presente, fez o inimigo retroceder, fechando a brecha que havia sido aberta.

No mesmo momento em que as 3ª e 4ª Divisões de Infantaria contra-atacavam sobre as tropas do Coronel Díaz, a 6ª Divisão, do General Vitorino, engajou no combate à direita e à esquerda das posições do 1º Regimento de Artilharia a Cavalo. Concomitantemente, a 14ª Brigada empenhava-se à esquerda de Mallet e as outras duas, a 12ª e a 18ª, lutavam à sua direita. Na retaguarda da 12ª, mantinha-se o 38º Batalhão de Voluntários.

Durante o combate, o 1º Regimento de Artilharia a Cavalo foi reforçado por duas baterias do 3º Batalhão de Artilharia à Pé, por ordem de Vitorino.

Toda a artilharia brasileira, sob o comando do General Gurjão, constituía o centro de resistência da linha de defesa aliada, permitindo que a posição da tropa aliada fosse mantida.

Os aliados, levados pelo estímulo e exemplo de Osório e de Venâncio Flores, levaram de roldão tropas paraguaias, impedindo que elas rompessem as suas linhas.

Na frente, a linha de defesa foi restabelecida e os contra-ataques das divisões brasileiras levaram os paraguaios a retrair. Restava, porém, todo o flanco esquerdo da posição aliada, que era uma preocupação para Osório. Ficava vulnerável.

Coube ao General Barrios conduzir o ataque a esse flanco. Deveria romper a defesa brasileira partindo do Potrero Piris e procurar fazer junção com as tropas do General Resquin, na retaguarda aliada. Coisa que não conseguiu. O General Barrios entrou em combate com três horas de atraso, quando "(...) a batalha ao centro e nos flancos estava praticamente decidida". (E. Cardozo)

As tropas do General Barrios penetraram em massa no Potrero Piris. O vigor do ataque levou as tropas brasileiras a retrain até as antigas trincheiras paraguaias de Estero Bellaco. A infantaria paraguaia foi se infiltrando pela mata, procurando conquistar terreno.

Previdente, o General Osório ordenou a várias unidades que convergissem sobre a posição ameaçada. Entregou o comando dessas tropas ao General Mena Barreto, comandante da 2ª Divisão de Cavalaria, que combatia a pé.

Os soldados paraguaios continuavam a surgir, vindo de dentro da mata, através dos dois boqueirões, as únicas passagens que permitiam chegar até o Potrero Piris, um no sentido leste-oeste e o outro no norte-sul. Este último levava até Passo Sibra, diretamente na retaguarda aliada, abrindo caminho até Passo da Pátria, através do Estero Bellaco.

A maioria das tropas paraguaias procurou atravessar por esse boqueirão, tentando atingir a retaguarda aliada.

Estiveram empenhadas, defendendo esse flanco, várias unidades brasileiras que, agindo diretamente sobre o flanco esquerdo de Barrios, levaram-no a retrain. José

Luís Mena Barreto, depois de conseguir recalcar o inimigo, procurou um lugar conveniente para cortar a ação de uma outra tropa inimiga que, no momento, atacava a infantaria brasileira. Nesse instante, o General Mena Barreto recebeu ordens de Osório para defender a 19ª Brigada, do Coronel Gomes de Freitas.

A Brigada Ligeira, do General Neto, posicionou-se no Potrero Piris dando pasto aos animais, juntamente com os 1ª e 24ª Batalhão de Voluntários e mais dois batalhões de infantaria da 13ª Brigada.

O ataque de Resquin ao flanco direito aliado foi organizado em duas colunas. A primeira, com os seus regimentos de cavalaria, atacou o flanco esquerdo argentino, visando à cavalaria, que foi levada a retrain, procurando um melhor posicionamento no Estero Bellaco. O 1º Corpo, do General Paunero, após intenso combate, conseguiu deter o ataque de Resquin, tendo a artilharia argentina infligido grandes perdas aos paraguaios. Esta operação contou com o reforço de um batalhão de infantaria brasileiro.

O 2º Corpo, do General Emílio Mitre, procurou proteger o flanco direito aliado e ainda teve de reforçar a 12ª Brigada, na vanguarda, comandada pelo General Hornos. A vanguarda havia sido atacada pelas tropas de Resquin.

A tropa argentina, vigorosamente atacada pela cavalaria paraguaia, em particular a sua artilharia, foi socorrida pela 8ª Brigada de Infantaria brasileira, sob o comando pessoal de Osório. Ao retrain, as tropas argentinas do General Hornos foram parar em Passo de Pátria, causando pânico

co. Emilio Mitre, com o apoio brasileiro, conseguiu fazer retrair as tropas de Resquin. (Sena Madureira)

Durante o confronto com as tropas argentinas, Resquin conseguiu apoderar-se de 34 peças da artilharia comandada pelo Coronel Maldones, quando do retraimento inicial. Diante do sucesso, Resquin pediu a Solano López que mandasse, urgente, tropa de artilharia para assumir os canhões. Para surpresa sua, Solano López, ao invés de mandar os homens solicitados, ordenou a sua retirada para Passo Pucú. (F. I. Resquin) Em realidade, além de Resquin ressentir-se do apoio de infantaria, o restante das suas tropas já havia sido destroçado.

De todo o dispositivo paraguaio, o único que conseguiu chegar à retaguarda aliada foi Olabarrieta, com a sua cavalaria. Contornou o flanco direito aliado, passou pela retaguarda argentina, chegando até a retaguarda brasileira, onde Barrios e Resquin deveriam ter chegado. Durante todo o trajeto, Olabarrieta foi alvo de intenso tiroteio. Em lá chegando e não vendo sinal das tropas de Vicente Barrios, retornou pelo mesmo caminho, tendo o seu efetivo quase todo aniquilado.

Durante o início da batalha, Solano López estava em seu quartel-general, em Passo Pucú, de onde logo saiu para posicionar-se em um bosque, entre Passo Fernandez e Passo Rojas, a cinco milhas de distância. Aí permaneceu, recebendo as informações do desenrolar do combate, até determinar a retirada, no final da tarde, às 17h30min. Em seguida, retirou-se para Passo Gómez, na casa de Bugrez, onde foi se reunir com Barrios, Díaz e Resquin para avaliar o resultado da batalha.

Segundo Thompson e Sena Madureira, Solano López não teria observação direta do campo de batalha. Nem com "(...) telescópio".

Causou espécie que, em momento algum, Solano López procurasse empregar a sua reserva de sete mil homens estacionados em Passo Pucú, sob o comando de Bugrez.

O DIA SEGUINTE

"No dia seguinte ao combate, o Exército aliado ocupou-se em fazer fuzilar e degolar os nossos desgraçados prisioneiros de guerra, que haviam ficado feridos no campo de batalha." (F. I. Resquin) Esta afirmativa somente se acha registrada no livro de Resquin, a despeito de toda a extensa bibliografia consultada.

Em 25 de maio, o *Boletín de Campaña* nº 6, da *Imprenta Del Ejército*, em Passo Pucú, tem como cabeçalho: *Las heroicas huestes de La República acaban de legar la más gloriosa página a la historia nacional.*

A edição do *El Semanario*, de Assunção, também registra "a grande vitória". Ao saberem da notícia do "grande triunfo", os sinos de Assunção repicaram em homenagem aos seus heróis. A bandeira nacional foi hasteada no Palácio do Governo e vinte e uma salvas de artilharia foram ouvidas. A multidão correu para as ruas para comemorar ao som de bandas de música. (E. Cardozo) Medalhas e promoções foram distribuídas. José Díaz e José Maria Bugrez foram promovidos a brigadeiro.

No campo de batalha, soldados recolhiam os seus feridos e mortos no terreno neutro entre os dois exércitos. Alguns tiros chegaram a ser trocados nas matas do Sauce.

Solano López passou todo o dia 25 com receio de um ataque aliado. Tinha consciência de que o seu exército fora destroçado e de que as tropas na sua ala esquerda estavam fracas e vulneráveis, contando apenas com algumas guardas avançadas. Segundo Resquin, Solano López teria dito que "(...) *si em aquella noche o em el siguiente dia no fuese atacado, podia contar com larga vida*".

A realidade era bem diferente das notícias divulgadas pelo *Boletín de Campaña* nº 6 e por *El Semanário*. Foram cerca de sete mil mortos e oito mil feridos paraguaios. O 40º Batalhão de Infantaria foi destroçado, o mesmo ocorrendo com os 6º e 7º. Segundo o General Resquin, as perdas paraguaias somaram cerca de 12 mil homens.

Os brasileiros tiveram 719 mortos e 2.292 feridos; os argentinos, 125 mortos e 480 feridos; e os uruguaios tiveram 133 mortos e 163 feridos. Alguns mortos aliados foram enterrados. Outros foram incinerados, em pilhas de cinquenta a cem corpos, juntamente com mortos paraguaios, alternados com lenha.

O Exército aliado, ao invés de aproveitar-se da situação e marchar em perseguição ao inimigo, preferiu permanecer na posição. Apenas reforçou as suas trincheiras. Poderiam ter flanqueado a esquerda paraguaia e dirigir-se para Humaitá, alcançando as baterias pela retaguarda. Mas não o fizeram. As tropas estavam exaus-

tas e o terreno era desconhecido. A cavalaria estava, praticamente, a pé e as verdadeiras condições das tropas paraguaias eram desconhecidas.

Tal decisão tem sido alvo de grandes polémicas entre os estudiosos do assunto.

CONCLUSÕES

• Em relação aos paraguaios:

A concepção do ataque paraguaio foi boa e o planejamento bem-elaborado, mas a execução deixou a desejar.

A ausência de Solano López na linha de frente não deu unidade de comando, falhando a coordenação e o controle na execução da manobra.

O deslocamento da ala direita, através do Potrero Piris, foi mal avaliado, levando a que Barrios chegasse atrasado seis horas para o ataque.

Marcó, ao sentir-se acuado, derivou em direção leste, desfilando diante das baterias de Mallet, tendo suas tropas destroçadas; Resquin por sua vez, encurtou o envolvimento à ala direita aliada, contrariando a orientação de López e, além de enfrentar um terreno difícil, não empregou a sua infantaria para ocupar e manter o terreno conquistado pela sua cavalaria;

Não empregou a reserva de sete mil homens sob o comando de Bugrez; Solano López não considerou a sua desvantagem em efetivos e desencadeou o ataque, procurando antecipar-se aos aliados.

• Em relação aos aliados:

Segundo Bartolomeu Mitre, o General Osório já havia pressentido o ataque pa-

raguaio e a manobra que realizaria. Sobre essa hipótese foi concebida a manobra defensiva aliada e a sua manobra defensiva em profundidade.


A vanguarda aliada foi surpreendida pelo ataque paraguaio, assim como o seu flanco esquerdo o foi pelas tropas do General Barrios. O reconhecimento na vanguarda deixou a desejar e a ala esquerda aliada nada fez em benefício da sua segurança. Não houve o reconhecimento pela cavalaria nem a escuta pela infantaria, nos esteros e nas matas vizinhas.

A iniciativa de Mallet, posicionando a sua artilharia protegida pelos fossos construídos e pelas carretas bem distribuídas, impediu, pelo fogo, a ruptura da posição aliada.

O escalonamento da posição defensiva e o posicionamento da reserva permitiram a Osório realizar os contra-ataques necessários, obrigando o inimigo a retrain.

Na tropa argentina, as iniciativas de Paunero, as intervenções de Mitre e o apoio preciso, proporcionado por Osório, fizeram com que os aliados resistissem ao ataque e obrigaram as forças de Resquin a retirar-se para Passo Pucú.

A presença e a atuação de Osório e Flores no campo de batalha muito influíram no moral da tropa.

Ao analisar a maior batalha já havida na América Latina, pode ser afirmado, sem erro, que "Tuiuti é Osório e Osório é Tuiuti". Foi o grande comandante. 

2002 66º ANIVERSÁRIO DO IGHMB



Mesa que presidiu a Sessão Magna comemorativa do 66º aniversário de fundação do IGHMB, destacando-se a presença do General-de-Exército Luiz Seldon da Silva Muniz, Comandante do CML.